

## LEITURA: COMPREENSÃO E INTERPRETAÇÃO

Benedito José Calixto<sup>1</sup>

**RESUMO:** As estratégias de leitura são essenciais para a construção da coerência local, das relações coesivas que se estabelecem entre os elementos sucessivos e sequenciais do texto. A compreensão é um esforço inconsciente de recriação do sentido do texto através da ativação de um conjunto de conhecimentos. O conhecimento cultural é armazenado na memória de forma ordenada, em blocos que são denominados de modelos cognitivos globais, os quais são culturalmente determinados e aprendidos através de nossa vivência em dada sociedade. Pode-se considerar que o texto é um entremeado de espaços em branco, de interstícios a serem preenchidos, e quem o emitiu previa que esses espaços e interstícios seriam preenchidos e os deixou em brancos, para em seguida o texto realizar a sua função.

**PALAVRAS-CHAVE:** leitura, estratégias, conhecimento cultural.

Em nível de cognição a compreensão da leitura de acordo com KLEIMAN (1999) é um esforço inconsciente de recriação do sentido do texto que busca a coerência por meio da ativação de um conjunto de conhecimentos: a) conhecimento cultural do leitor (informações não-visuais); b) conhecimento lingüístico: pronúncia, vocabulário, regras e uso da língua; c) conhecimento textual (tipos de textos): narração, exposição, descrição, argumentação; d) conhecimento de mundo (ideologia): conhecimento específico formal e informal de temas, máximas, e conceitos de sociedade, ordem natural, coerência (local - temática); e) conhecimento estruturado, ordenado,

---

<sup>1</sup> Professor de língua inglesa do Curso de Secretariado Executivo Bilíngüe da Unioeste, Campus de Toledo. Pós-graduado pela Unicamp, Mestre pela Unesp, Doutorado na (IOE) University of London, Inglaterra (créditos concluídos). Membro do Grupo de Pesquisa em Secretariado Executivo Bilíngüe – GEPSEB.

armazenado (esquema): conhecimento ordenado permite seletividade e economia, experiências e expectativas, informações sobre contextos e situações genéricas e previsíveis.

O conhecimento cultural é armazenado na memória de forma ordenada, afirma KLEIMAN (1999), em blocos que são denominados de modelos cognitivos globais: a) Frames ou molduras: conhecimentos dos temas, situações e contextos que estão armazenados na memória, os quais sugerem as coisas que fazem parte dessa situação, tema ou contexto; b) esquemas: armazenam o conjunto de conhecimentos numa ordem natural, temporal ou causal; c) planos: conjuntos de conhecimentos que orientam sobre como agir em determinadas situações d) scripts ou roteiros: conjunto de conhecimentos, de informações estereotipadas e armazenadas, as quais são utilizadas em certas situações e momentos, numa dada cultura, em que a pessoa necessita se adaptar, até mesmo, com relação às condições de linguagem do contexto; e) superestruturas ou esquemas textuais: são conhecimentos de diversos tipos de textos, os quais são adquiridos de acordo com os contatos mantidos com os mesmos que podem ser comparados entre si.

Pode-se considerar que o texto é um entremeado de espaços em branco, de interstícios a serem preenchidos, e quem o emitiu previa que esses espaços e interstícios seriam preenchidos e os deixou em brancos, para em seguida o texto realizar a sua função. De acordo com a reportagem da revista Time “Memory – how it works” de 12/06/2000, a nossa memória realiza apreensões de determinados momentos vividos que permanecem na memória por toda a vida.

Possuímos três tipos de memórias (KLEIMAN, 1999): a memória imediata, a memória de curto prazo e a memória de longo prazo: a) memória imediata: os momentos vividos são apreendidos com mais detalhes, mas são rapidamente esquecidos; b) memória de curto prazo: a apreensão apresenta menos detalhes de contexto com relação à memória imediata, contudo as lembranças que não têm clareza desses detalhes, podem durar até uma semana; c) memória de longo prazo: tem-se o apagamento de alguns detalhes, entretanto, permanece para toda a vida o contexto vivido, os detalhes ou estruturas mais importantes desse contexto.

As estratégias metacognitivas de leitura são estratégias de controle, de regulamento e de reflexão consciente do próprio conhecimento, do próprio fazer e da

própria competência e capacidade. Elas opõem-se aos automatismos e mecanicismos: processamento do conhecimento e da memória - processo de monitoração, revisão, auto-questionamento, reflexão e controle consciente sobre o próprio conhecimento do leitor. Essas estratégias auxiliam no: a) estabelecimento de objetivos e expectativas de leitura; b) formulação de hipóteses, suposição duvidosa, mas não improvável – antecipação de um conhecimento que serve de fundamento, de base - leva o aluno a descobrir por si mesmo a verdade, a realidade de um contexto; c) reconhecimento global e instantâneo; d) coerência global; e) conhecimento de tipos de textos: a) hipóteses; b) inferências (deduções pelo raciocínio, intuição, visão sintética, criatividade); c) – predições (prognóstico, antecipação).

Assim nas estratégias de leitura além de técnicas tais como: a) - scanning (procura detalhes e informações específicas); b) skimming ( idéia geral – pré-leitura seletiva), é necessário avaliar os três fatores segundo KOCK & TRAVAGLIA (1998); fatores de coerência ; fatores de contextualização; fatores de textualidade : 1) Fatores de coerência: a) elementos lingüísticos; b) conhecimento de mundo; c) conhecimento partilhado; d) conhecimento textual; e) inferências; 2) Fatores de contextualização: a) situacionalidade; b) informatividade; c) focalização; d) intertextualidade; e) intencionalidade; f) aceitabilidade; g) consistência; h) relevância; 3) Fatores de textualidade (BEAUGRANDE& DRESSLER, 1981): a) coesão e coerência; b) informatividade; c) situacionalidade; d) intertextualidade; e) intencionalidade; f) aceitabilidade.

A coerência faz parte de uma relação, em que se percebe, na seqüência lingüística, uma unidade de sentido. Essa unidade estabelece uma relação entre os seus componentes. o autor procura construir um texto coerente, coeso que consiga realizar os seus objetivos, segundo COSTA VAL (1991), com uma intenção, numa determinada situação comunicativa, para um leitor, que lhe determinará o seu sentido por meio da ativação do seu conhecimento cultural. O leitor possui, arquivados em sua memória, diversos contextos ou esquemas que formam o seu mundo textual. Ao ler o título de um texto, ele ativa os seus conhecimentos que estabelecem as ligações não explícitas que ajudam a formar a unidade de sentido.

KOCH E TRAVAGLIA (1998) afirmam que, para o estabelecimento da coerência e da coesão textual, é crucial o conhecimento lingüístico, ou seja, o

conhecimento dos elementos da língua, seus valores e usos, na produção, na compreensão e interpretação do texto. Deprendemos por compreensão, o reconhecimento daquelas informações que estão explícitas no texto as quais, por meio do conhecimento lingüístico, do conhecimento textual, conhecimento de mundo, conhecimento estruturado ou de esquemas, inseridos nas estratégias cognitivas de leituras, fazem as ligações de forma automática e inconsciente, ativando os princípios e regras subjacentes a essas estratégias. Logo com relação à interpretação, consideramos que ela demonstra o quanto o leitor controla e reflete, conscientemente, sobre os seus conhecimentos, sobre a sua própria capacidade de formular hipóteses, a sua capacidade de reconhecimento global e instantâneo que direciona conscientemente, o estabelecimento dos objetivos e expectativas da leitura realizada, permitindo a utilização das inferências, da intuição, de uma visão sintética que direciona as predições, as construções de sentido de um todo em que, o que está implícito, também é apreendido.

As estratégias metacognitivas de leitura se opõem aos automatismos e mecanicismos de uma leitura superficial. KOCH E TRAVAGLIA (1998) afirmam que a coerência dever ser entendida como: “um princípio de interpretabilidade, ligada à inteligibilidade do texto numa situação de comunicação e à capacidade que o receptor tem para calcular o sentido deste texto”. A coerência é responsável pelo sentido global do texto e, para que haja coerência, é necessário estabelecer no texto uma unidade ou relação entre seus elementos. No entanto, BEAUGRANDE E DRESSLER (1981), afirmam que, se há uma unidade de sentido no texto quando este é coerente, é porque existe uma continuidade de sentidos entre os conhecimentos ativados pelas frases e expressões do texto. Essa continuidade é estabelecida por meio da coesão conceitual cognitiva entre os elementos do texto como parte de processos cognitivos que funcionam a partir da interação entre leitor e autor.

Nesses processos cognitivos atuam diversos fatores além daqueles do tipo lógico, os quais dependem dos fatores sócio-culturais e interpessoais. Nesses fatores estão inseridos: as intenções comunicativas dos participantes no texto, como instrumento de comunicação; as formas de influência do falante na situação de fala e os fatores das regras sociais que regem o relacionamento entre pessoas com diversos e diferentes papéis sociais. Os processos cognitivos que se estabelecem entre o leitor e o

autor, caracterizam a coerência quando oferecem a oportunidade de criação de um mundo textual e essa se estabelece na interlocução, na interação entre o leitor e autor, numa dada situação comunicativa.

A coerência também é percebida pelas qualidades de formação do texto dentro de um mundo possível ou não, como são os casos das fábulas, contos de fada, narrativas fantásticas, ficção científica, etc. Por meio da boa formação, permite-se ao leitor a recuperação dos sentidos e de sua coerência. A interpretação depende da capacidade de ambos, tanto do autor, quanto do leitor, de recuperarem o sentido do texto, permitindo a interação. Depreendemos que existem dois tipos de coerência: aquela que tem por base a boa formação textual e determina não somente o sentido do texto, mas, com freqüência, qual sentido é estabelecido, que seria a coerência global, pois tem a ver com o texto em sua totalidade.

A coerência local está relacionada com o bom uso dos elementos da língua em suas seqüência menores, expressando os sentidos e possibilitando a apreensão da intenção comunicativa. De acordo com VAN DIJK E KINTSCH (1998), existem diversos tipos de coerência: a) coerência semântica que se refere às relações entre os significados dos elementos das frases e suas inter-relações locais ou entre os elementos do texto como um todo. Sendo que a incoerência semântica aparece pela contradição de termos e de sentidos que não se combinam; b) a coerência sintática, em conformidade com o próprio nome, tem a ver com os meios sintáticos que expressam a coerência semântica, por meio do uso dos conectivos, dos pronomes, dos sintagmas nominais definidos e indefinidos. Quando os recursos sintáticos adequados às expressões das idéias são utilizados corretamente, dizemos que a frase ou o texto é coerente. Esses recursos sintáticos, integrantes da coerência sintática, são parte de um aspecto da coesão que auxilia na coerência; c) a coerência estilística determina o uso dos elementos lingüísticos pertencentes aos mesmos estilos ou registros lingüísticos de acordo com o contexto; d) a coerência pragmática refere-se à continuidade, em que o texto é visto como uma seqüência lógica de atos apropriados que se complementam no estabelecimento de uma situação comunicativa.

O texto, ao não realizar esse princípio e apresentando-se contraditório, é incoerente. A coerência é a soma da ação de todos esses fatores: semântico, pragmático, estilístico e sintático ou gramatical que influenciam na construção do sentido. A

coerência pode ser entendida como um princípio de compreensão e de interpretação. Dessa forma o leitor procura antecipar, predizer as pistas formais por meio do título, subtítulo, palavras, frases, períodos, parágrafos, operadores, conectivos, conjunções, modalizadores, advérbios, adjetivação, nominalizações, hipotéticos – futuro do pretérito, percebendo as marcas formais de autoria, formulando e reformulando hipóteses, aceitando ou rejeitando-as, evitando idéias fixas e preconcebidas, pois o texto pode ser divergente.

Faz-se necessário a participação da habilidade de identificação automática do léxico, alcançando uma reciprocidade com o texto e o autor, ativando o seu conhecimento para entender melhor o texto, influenciando na compreensão do mesmo.(processo descendente -top-down), apreendendo as informações do texto que influencia no seu conhecimento.(processo ascendente – bottom-up) - processo simultâneo, concomitante entre leitor > texto/autor > leitor. O leitor relê e analisa as palavras, frases e períodos, faz inferências (dedução pelo raciocínio) assim como a reconstrução de uma posição argumentativa implícita no texto, a partir de elementos lexicais explícitos; reconstrução do significado pela organização e articulação do tema, subtemas e termos que refletem o raciocínio do autor.

A materialidade do texto pode ser considerada uma “peça” com diversas articulações importantes para a construção dos sentidos, a reconstrução dos significados pela inter-relação com o enunciador. A interação depende da competência comunicativa do leitor. A cognição e a metacognição são responsáveis pelo planejamento, organização e construção da significação pela inter-relação com o autor do texto.

Reconhecemos que, enquanto lemos, podemos ativar, inconscientemente, estratégias de compreensão que fazem parte do conhecimento cultural que já possuímos, podendo monitorar esse conhecimento e ter expectativas, estabelecer objetivos, levantar hipóteses, fazer predições e inferências de maneira consciente.

Entendemos também que a explicitação dos mecanismos de reconstrução do sentido do texto é de crucial importância para melhorar o nível de leitura. Assim, temos como crucial a compreensão do conhecimento do funcionamento dos aspectos cognitivos da leitura, para que possamos melhorar a compreensão e interpretação da leitura com base nas estratégias cognitivas, nos fatores de coerência, de contextualização, do repasse de informações, dos fatores de textualidade, da adequação

textual como leitura seletiva, de acordo com o nível e faixa etária dos alunos por meio de atividades de pré-leitura, de debates e de discussão do temas e sub-tópicos dos textos.

É possível desenvolver um trabalho em que os alunos sejam, também, além de leitores fluentes, críticos, que saibam fazer, além da leitura superficial do texto, a leitura de interpretação, a compreensão dos significados implícitos, da realidade e do espaço de incompletude do texto que deve ser inferido e assim, compreender e melhorar as diversas relações existentes no processo de leitura, de maneira a permitir a reconstrução dos significados na interação entre o texto e o leitor e ter condições de realizar sínteses, de argumentar, de convencer e de defender seus próprios pontos de vista como formadores de opinião.

## REFERÊNCIAS

- BEAUGRANDE & DRESSLER. **Introduction to text linguistics**. Longman, 1981.
- BRANSFORD, J. & MCCARREL N. A Sketch of a cognitive approach to comprehension: Some thoughts about understanding what it means to comprehend, in: **Thinking: readings in cognitive Science**. Cambridge University Press, 1977.
- BROWN & YULE. **Discourse analysis**. Cambridge University Press, 1983.
- CORACINI, Maria José(org.). **O jogo discursivo na aula de leitura**. São Paulo: Pontes, 1995.
- CORTINA, Arnaldo. **Leitura como processo de compreensão e de interpretação**. O Príncipe e seus leitores. Tese de doutorado. São Paulo, 1994.
- COSTA VAL, Maria da Graça. **Redação e textualidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- FÁVERO, Leonor Lopes. **Coesão e coerência textuais**. São Paulo: Ática, 1993 (Série Princípios).
- FÁVERO, Leonor Lopes & KOCH, Ingedore G.V. **Linguística textual: Introdução**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1998.
- FERREIRO, Emília & GOMES Palacio, Margarita.(Coords.). **Os processos de leitura e escrita**. 3.ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.
- FIORIN, José Luiz. **Elementos de análise do discurso**. 7.ed. São Paulo: Contexto,1999.

FREGONEZI, Durvali Emílio. Atividades de leitura na escola. A formação do *professor* de leitura. As atividades de análise lingüística. In: **Elementos de ensino de língua portuguesa**. São Paulo: Arte & Ciência, 1999.

FULGÊNCIO, Lúcia & LIBERATO, Yara. **Como facilitar a leitura**. São Paulo: Contexto, 1992.

GALVES, Charlotte, ORLANDI Eni P. e OTONI, Paulo (org.). **O Texto: leitura & escrita**. Campinas, São Paulo: Pontes, 1997.

GERALDI, João W. (Org.). **O texto na sala de aula**. São Paulo: Ática, 1997.

KATO, Mary. **O aprendizado da leitura**. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

KLEIMAN, Angela. **Texto & leitor: Aspectos cognitivos da leitura**. 6.ed. São Paulo: Pontes, 1999.

\_\_\_\_\_. **Oficina de leitura: Teoria & prática**. São Paulo: Pontes, 1993.

\_\_\_\_\_. **Leitura: Ensino e Pesquisa**. São Paulo: Pontes, 1989.

KLEIMAN, Angela & MORAES, Silvia. **Leitura e interdisciplinaridade**. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 1998. ( Coleção Caminhos da Lingüística).

KOCH, Ingedore G.V. **A Coesão textual**. 8.ed. São Paulo: Contexto, 1996. (Coleção Repensando a Língua Portuguesa).

KOCH & TRAVAGLIA. **A coerência textual**. 8.ed. São Paulo: Contexto, 1998. (Coleção Repensando a Língua Portuguesa).

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 4.ed. São Paulo: Ática, 1999.

ORLANDI, Eni P. **Discurso e leitura**. 4.ed. São Paulo: Cortez Editora; Campinas São Paulo: Editora da Unicamp, 1999. (Coleção passando a limpo).

\_\_\_\_\_. (Org.). **A Leitura e os leitores**. São Paulo: Pontes, 1998.

\_\_\_\_\_. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

PLATÃO & FIORIN. **Para entender o texto**. Leitura e Redação. São Paulo: Ática, 1990.

SILVA, Ezequiel T. da. **Elementos de pedagogia da leitura**. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

\_\_\_\_\_. **O ato de ler**. Fundamentos Psicológicos par uma Nova pedagogia da Leitura. 7.ed. São Paulo: Cortez. 1996.

\_\_\_\_\_. **Criticidade e leitura**. Ensaio. Campinas, São Paulo: Mercado das Letras. ALB, 1998. (Coleção leituras no Brasil).

\_\_\_\_\_. **A Produção de leitura na escola: Pesquisas x propostas**. São Paulo: Ática, 1995.

SMITH, Frank. **Compreendendo a leitura: uma análise psicolingüística da leitura e do aprender a ler**. 3.ed. trad. Daise Batista, Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

VAN DIJK, T A (org. e apres. de Ingedore V. Koch). **Cognição, discurso e interação.** 2.ed. São Paulo: Contexto, 1999.

ZILBERMAN, Regina. e SILVA, Ezequiel T.(Orgs.). **Leitura: Perspectivas Interdisciplinares.** São Paulo: Ática, 1998. (Série Fundamentos).